

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar



**Ação pedagógica e desenvolvimento
da inteligência emocional na
infância:
Reflexão e partilha de uma prática**

ANEXOS

Por Mafalda Pereira Leite Cabral Leite
Sob orientação da Professora Doutora Brigitte Carvalho da Silva

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para obtenção de grau de **Mestre em Educação Pré – Escolar**

Porto
julho de 2014

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Reflexões

Anexo 1.1-Reflexão inicial individual

Anexo 1.2-Reflexão sobre gestão de conflitos

Anexo 1.3-Reflexão sobre a organização do espaço e materiais

Anexo 1.4-Reflexão sobre a organização social do grupo

Anexo 1.5-Reflexão sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky

Anexo 1.6-Reflexão sobre as dimensões da educação

Anexo 1.7-Reflexão sobre o papel do educador

Anexo 1.8-Reflexão sobre o papel da educadora cooperante

Anexo 1.9-Reflexão sobre os projetos desenvolvidos

Anexo 1.10-Reflexão sobre a importância da rotina

Anexo 1.11-Reflexão sobre o tempo de revisão

Anexo 1.12-Reflexão sobre o tempo de trabalho

Anexo 1.13-Reflexão sobre a criança e o sonho

Anexo 2 - Planificações semanais

Anexo 2.1-Modelo de uma planificação semanal

Anexo 2.2-Planificação da semana de 30 de setembro a 4 de outubro de 2013

Anexo 2.3-Planificação da semana de 5 a 9 de maio de 2014

Anexo 3 - Planificações das Sessões Motoras

Anexo 3.1-Planificação do dia 3 de outubro de 2013

Anexo 3.2-Planificação do dia 23 de maio de 2014

Anexo 4 - Entrevistas

Anexo 4.1-Questionário e respostas da educadora entrevistada

Anexo 4.2-Questionário e respostas da psicóloga entrevistada

Anexo 5 - Registos de observação

Anexo 6 - Documentos

Anexo 6.1-Documento ilustrativo da organização social do grupo

Anexo 6.2-Documento de planificação dos projetos desenvolvidos durante o estágio

Anexo 7 - Fotografias relacionadas com as atividades descritas

Anexo 8 – Outras fotografias

ANEXO 1 - REFLEXÕES

ANEXO 1.1 - Reflexão Inicial Individual

As minhas expectativas para este estágio e para a minha profissão são grandes. Sempre foi um dos meus sonhos seguir a área de educação de infância e sempre me fascinou trabalhar com crianças.

Tenho noção das minhas capacidades a nível criativo e da paciência que sempre tive para lidar com situações menos agradáveis que, por vezes, acontecem. Creio que a paciência é mesmo um dos pontos fortes do meu feitio. Penso ser de enorme importância esta minha característica, tendo em conta que cada criança se desenvolve ao seu ritmo e não podemos querer impor o nosso.

Sou uma pessoa organizada e perfeccionista. A primeira característica abona mais a meu favor, porque a segunda pode tornar-se um fator de eventual constrangimento, por pequeno que seja, quando se trabalha com crianças, mas sou exigente comigo mesma e acho que é um fator positivo.

Tenho receio de planear atividades não adequadas ao nível de desenvolvimento das crianças com quem irei trabalhar. Posso, por vezes, imaginar atividades mais fáceis ou tão difíceis que não se consigam desempenhar. Mas para limar estas arestas e aprender servirá o estágio e a formação que, mesmo a nível teórico, continuarei a fazer.

Já que abordo os meus receios, é com alguma apreensão que me vejo a ter de participar nas reuniões de encarregados de educação. Creio que conhecer bem cada criança individualmente é muito importante e interrogo-me se o risco de confundir tanta informação não será considerável.

Às vezes penso que é difícil dar respostas mais assertivas em relação ao que as crianças perguntam, uma vez que só vou conhecendo as regras e as rotinas aos poucos, mas é algo que eu sei que vai melhorar com o correr do tempo: não tenho dúvida de que me sentirei mais confiante e em sintonia com a Educadora.

Aprendi algumas técnicas para gerir conflitos, mas creio que não são ainda suficientes, visto que as crianças, às vezes, podem envolver-se em algumas brigas e desentendimentos e há que saber resolvê-los.

Ao nível teórico, tenho, ainda, que me habituar a planificar de acordo com a metodologia utilizada pela Educadora, a fazer o melhor possível as avaliações e a preencher os registos organizados de cada criança.

Penso que um entrave à minha espontaneidade é precisamente achar que tenho que apreender tudo o que observo, para mais tarde registar; daí o sentir alguma apreensão ao pensar que não me posso esquecer de nada, sabendo que mesmo os pequenos pormenores fazem diferença.

ANEXO 1.2 - Reflexão sobre Gestão de Conflitos

Depois de uma leitura atenta de algumas páginas do capítulo 12 da obra de Hohmann e Weikart intitulada “Educar a criança”, sobre gestão de conflitos, aprendi algumas estratégias que os educadores podem utilizar para “lidar com o conflito interpessoal”.

Achei muito importantes as considerações e sugestões que esta leitura me proporcionou tirar acerca deste tema para melhorar a minha prática, visto que não me tinha debruçado muito sobre este assunto.

Realmente, os conflitos geram nas crianças (e no próprio adulto) sentimentos de frustração e insucesso e nunca se sabe muito bem quem é que começou, como é que começou e como poderá ser resolvido um conflito, visto que não há uma versão certa dos acontecimentos.

Penso ser muito importante a ideia de participação ativa da criança na gestão dos conflitos, tendo ela responsabilidade sobre as suas decisões e sentimentos e sobre os sentimentos dos outros.

Para os adultos, o autor propõe algumas estratégias sobretudo relacionadas com o conhecimento das características das crianças em idade pré-escolar. Atribui grande relevância e ênfase ao que as crianças possam estar a sentir, o que penso ser de enorme importância, pois só percebemos

realmente como lidar com este tipo de problemas se nos conseguirmos colocar na pele de uma criança, por difícil que isso seja.

Realmente, faz toda a diferença as crianças serem parte integrante do processo de resolução de um conflito, não só descrevendo o que se passou, mas tentando arranjar, em conjunto e com a educadora, sendo certo que existem vários níveis de mediação, uma solução adequada a todos.

O tom utilizado pela educadora, tal como a adequação da informação (específica e não muito vaga) é importante para que as crianças entendam e tenham uma noção clara do que se está a passar. Sempre que acontece alguma situação menos calma na sala ou sempre que a educadora se depara com um conflito deve ser coerente e afirmativa, ao mesmo tempo que utiliza um tom ameno e sereno.

Uma outra forma interessante de tentar resolver ou mesmo impedir um conflito prende-se com a disposição e a disponibilidade do material existente. O facto de haver alguns limites na utilização de material, brincadeiras diversificadas, uma rotina diária e regras de uso do material, além de princípios de interação e convivência, evita situações menos agradáveis. A planificação semanal (ou mesmo diária) é muito útil também para evitar conflitos, pois os momentos de transição podem ser propícios a discussões e desentendimentos.

Quando surgem conflitos, aprendi que se deve abordar a situação com calma, recolher informação e reconhecer os sentimentos das crianças; definir o problema tendo em conta o que as crianças dizem; pedir-lhes ideias e soluções, e solicitar-lhes, também, que tomem decisões, supervisionadas pela Educadora, evidentemente, é importante. Não o é menos estar preparada para dar apoio no seguimento dos acontecimentos.

Esta reflexão foi importante para o meu percurso profissional, por se tratar de um tópico sempre delicado, que levanta bastantes questões e requer uma intervenção assertiva.

Obra consultada: Hohmann, Mary & Weikart, David P. (2011). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXO 1.3 - Reflexão sobre a organização do espaço e dos materiais

Penso que esta reflexão deveria começar por focar um aspeto importante, intimamente ligado ao tema da organização do espaço e dos materiais, que é o da qualidade na educação de infância. Foi, precisamente, a obra “Indicadores da Qualidade na Educação Infantil”, editada pelo Ministério da educação brasileiro, que utilizei para sustentar a minha análise sobre este tema e, naturalmente, fazer a ponte entre a teoria e a prática.

Visto que a educação de infância é considerada a primeira etapa da educação básica e todas as crianças têm o direito a uma educação de nível elevado, torna-se necessário definir critérios de qualidade no jardim de infância, abordando as variadas vertentes desta área, como a comunidade envolvida, as autoridades competentes, a cultura e os valores a transmitir.

Existem vários aspetos a ter em conta na qualidade de uma instituição; desde o respeito pelos direitos humanos fundamentais, à aceitação das diferenças, passando pela consideração pelos valores sociais e aspetos políticos e, enquadrada também nestes aspetos, a própria formação científica dos educadores.

Para não me alongar muito, passo já ao objetivo deste trabalho que é focado na reflexão prática do que deve ser uma sala de jardim de infância. No que toca à teoria, decidi dividir este tema em três partes: espaço interno e externo, materiais e mobiliário.

No que toca ao ambiente físico, devem ser respeitadas as necessidades das crianças em vários aspetos como o físico, o afetivo, o cognitivo e o criativo. O espaço interno deve ser limpo, bem iluminado e arejado, com visibilidade para o exterior, seguro e aconchegante; o espaço externo deve ser bem cuidado, eventualmente com um jardim e áreas para jogos e brincadeiras. Focando a atenção, agora, nos materiais, deve haver, nas salas de jardim de

infância, livros, brinquedos em quantidade suficiente, materiais acessíveis para as atividades diárias, que devem ser cuidados, guardados, conservados e sempre apresentados às crianças; quando não se encontrarem em condições, devem ir sendo substituídos. Quanto ao mobiliário, deve ser adequado ao tamanho das crianças, estar colocado no ângulo de visão do adulto, permitir autonomia na arrumação e nas explorações infantis e ser, acima de tudo, seguro.

No geral, os espaços devem ser adequados e amplos para as crianças se poderem movimentar; os brinquedos devem estar de acordo com o trabalho a desenvolver com as crianças e também com os seus interesses – as suas proporções devem ser, no mínimo, razoáveis e, acima de tudo, como valência importante, devem proporcionar estímulos visuais (cores e formas diversas).

Tendo em conta todos estes parâmetros, procedi à observação do contexto em que estou inserida e fiz uma análise dos aspetos positivos e negativos. De acordo com a grelha do documento que adotei como base para a minha reflexão, o indicador número 1 diz respeito aos espaços e mobiliário que favorecem as experiências das crianças. Na sala dos 4 anos, há um canto dedicado à biblioteca, organizado com estantes acessíveis às crianças e livros em quantidade suficiente; as janelas têm vista para o espaço exterior, ao nível das crianças. Dentro da sala, existe um quatinho de banho adaptado às crianças, de acordo com os preceitos de higiene. Há, ainda, na sala, um espelho, à altura das crianças, para poderem observar a sua imagem diariamente. Não existe algo que considero ser importante – não há espaços, mobiliário e equipamentos próprios para crianças com deficiências.

O indicador número 2 refere-se aos vários materiais acessíveis às crianças, como é o caso dos materiais de leitura, que acho que poderiam melhorar em termos de quantidade e diversidade, visto que a biblioteca da sala é apenas composta por livros de histórias (as revistas estão na área da colagem e recorte). Relativamente aos brinquedos, embora em quantidade suficiente e para diversos usos, tendo em conta os interesses das crianças, penso que poderia, eventualmente, existir um canto das profissões, com outros materiais, para abranger mais o “faz-de-conta”. Quanto a isto, a instituição tem

implementado o “dia do brinquedo”. A sexta-feira é o dia em que as crianças podem trazer um brinquedo de casa e utilizá-lo durante o dia, proporcionando momentos de partilha e brincadeira. Tenho pena que não existam instrumentos musicais na sala, embora haja, na instituição, alguns, visto que as crianças têm um dia com aulas de música, as quais são dadas por uma professora com formação específica. No que respeita aos materiais pedagógicos, há em quantidade e diversidade suficientes: há uma série de materiais em boas condições e bem cuidados. É o caso dos marcadores (grossos e finos), dos lápis de carvão, de cera e de cor, das borrachas, réguas, tesouras para destros e esquerdinos, da cola, revistas, plasticina, cartolinas, entre outros.

Quanto à higiene pessoal, verifico que as crianças não têm, ainda, assumidas algumas rotinas, embora os quartos de banho se encontrem sempre em ótimas condições, sendo frequentemente limpos. Há também papel higiénico pendurado em todas as salas e sítios estratégicos dos corredores.

No que toca a equipamentos audiovisuais, há cerca de duas semanas foi criado o cantinho das tecnologias, com um computador destinado a ser utilizado por duas crianças de cada vez, com jogos interativos e didáticos, embora não adaptados às crianças com necessidades educativas especiais. Chamou-me a atenção o facto de não haver nada que se destine especialmente a apelar para a aceitação das diferenças entre as crianças, visto que poderia ser criado algo, aplicável a todo o infantário, que desse a devida importância a essas questões, nomeadamente às questões étnicas.

Como último ponto, acho importante referir as necessidades dos adultos, visto que fazem parte integrante da instituição. Este indicador é dedicado ao espaço, aos materiais e ao mobiliário que responde aos interesses e necessidades dos adultos. Posso afirmar que existe um espaço destinado ao descanso e trabalho individual dos adultos, separado dos espaços das crianças e com mobiliário adequado, mas creio que, ao nível das condições físicas, não é uma sala com um grande grau de conforto. Há, também, um balneário próprio para os funcionários da instituição. Seria importante, do meu ponto de vista, que houvesse um espaço planeado para a receção e acolhimento de

familiares, mas existe apenas um espaço de acolhimento para as crianças quando chegam ao jardim de infância.

Obra consultada: *Indicadores da Qualidade na Educação infantil* (2009).
Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica.

ANEXO 1.4 - Reflexão sobre a organização social do grupo

Perante este tema, que penso ser de enorme importância para uma melhor percepção do contexto de jardim de infância e da realidade de uma rotina do dia a dia, em que todas as crianças devem estar presentes, deparo-me com várias afirmações de diversos autores sobre os instrumentos de organização social do grupo.

“Na educação pré-escolar o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de relação entre adultos e crianças e entre crianças, o que constitui a base do processo educativo.”

Na minha opinião é essencial que as crianças se sintam parte integrante do contexto de aprendizagem e, acima de tudo, que para isso se encontrem à disposição dos educadores (e das próprias crianças), diversas técnicas que permitam a criação, não só de regras, como de um ambiente de ensino-aprendizagem adequado às características do grande grupo.

“A aprendizagem da vida democrática implica que o educador proporcione condições para a formação do grupo, criando situações diversificadas de conhecimento, atenção e respeito pelo outro.”

“A atitude do educador, a forma como se relaciona com as crianças, desempenha um papel fundamental neste processo. Alguns instrumentos frequentes em jardim de infância – quadro de presenças, quadro de tarefas e outros – podem facilitar a organização e a tomada de consciência de pertença a um grupo e, ainda, a atenção e o respeito pelo outro.”

A participação das crianças na elaboração de regras e normas da sala (por exemplo esperar a sua vez; arrumar o que desarrumou; cumprir tarefas...)

é muito importante, visto que *“estas normas e outras regras indispensáveis à vida em comum adquirem maior força e sentido se todo o grupo participar na sua elaboração, bem como na distribuição de tarefas necessárias à vida coletiva.”* (ME, 1997), para que isto se concretize e para uma melhor organização, creio ser necessária a criação de quadros de tarefas e regras, a ser preenchidos pelas crianças, para que se sintam responsáveis no que a estas, e outras, por analogia, concerne.

“A organização democrática do grupo constitui a base da área de Formação Pessoal e Social, sendo ainda fonte de outras aprendizagens. Por exemplo, verificar quem está e quem falta, bem como a marcação de presenças, pode contribuir para aprendizagens matemáticas, para a construção da noção de tempo e facilitar a identificação de palavras, ligando-se também ao reconhecimento da escrita.”

Fui observando que são poucos os instrumentos de organização social do grupo na sala onde estagio. Claro que posso sempre tomar a iniciativa neste aspeto. Existe um quadro de presenças e está definida a quantidade de crianças que podem simultaneamente estar em cada área. Esta divisão encontra-se devidamente representada e foi obtida após um diálogo consensual com as crianças.

Penso que seria de implementar um quadro do qual constassem as responsabilidades e a escolha das áreas, bem como as regras da sala e um inventário de material. Todos estes elementos seriam, obviamente, elaborados em conjunto com as crianças, para que pudessem planear e delinear, com os adultos da sala, uma rotina adequada ao seu nível e às características da instituição e do grupo.

SILVA, Maria Isabel Lopes da (org) (1997). *Orientações curriculares para a Educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica. Núcleo de Educação Pré-escolar.

ANEXO 1.5 - Reflexão sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky

A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), no meu entender e pelo que li da teoria de Vygotsky, é a distância entre o nível atual de desenvolvimento das crianças, ou seja, a capacidade que as crianças têm para resolver problemas individualmente e o nível de desenvolvimento potencial, que implica o facto de as crianças resolverem problemas sob orientação de adultos ou em colaboração com os pares.

O desenvolvimento, segundo este autor, é sobretudo um processo de aprendizagem do uso das ferramentas intelectuais, recorrendo à interação social com outros mais experimentados no uso dessas ferramentas.

Sendo assim, podemos afirmar que o processo de desenvolvimento não coincide com o processo de aprendizagem, já que é certo que existe uma assintonia entre o processo de desenvolvimento e o processo de aprendizagem que o antecede. Dessa assintonia decorre a ZDP que é, sobretudo, uma área de dissonância cognitiva que corresponde ao potencial daquele que aprende.

O que se pode depreender é que a criança se desenvolve em interação com os outros, mas deve haver um equilíbrio entre isto e a autonomia de cada uma.

Na pouca experiência que tenho em contexto de jardim de infância, numa sala com crianças de 4 anos, verifico precisamente que a ZDP parece ter uma grande dimensão, visto que as crianças foram habituadas a tentar resolver os seus problemas autonomamente e, só não conseguindo, recorrem ao auxílio dos adultos ou das outras crianças, portanto, a distância entre a capacidade de resolver problemas individualmente ou sob orientação de outro é notável.

Para o adulto, a introdução desta “zona” é importante, pois permite ajudar a lidar com questões práticas da psicologia educacional, sendo que nos ajuda a fazer uma avaliação das habilidades cognitivas das crianças e também das próprias práticas de instrução.

ANEXO 1.6 - Reflexão sobre as Dimensões da Educação

No que se refere aos modelos construtivistas e interaccionistas, as dimensões do desenvolvimento curricular dividem-se em vários pontos.

Os objetivos da educação pré-escolar são promover o desenvolvimento, estruturar a experiência, construir as aprendizagens, dar significado à experiência e atuar com confiança. Entre os conteúdos estão estruturas e esquemas internos, conhecimento físico, lógico, matemático e social e instrumentos culturais. Em contexto de estágio, foram proporcionados às crianças momentos de aprendizagem, quer na rotina diária, quer nas alturas comemorativas do ano civil, na medida em que tiveram oportunidade de experimentar novos materiais, novas técnicas e ainda lhes foram proporcionadas várias visitas de estudo, para que se envolvessem na sociedade. Até a própria intervenção na instituição permitiu às crianças o contacto com atividades diferentes e enriquecedoras. A planificação serve, em grande parte, para corresponder ao interesse em desenvolver todas as áreas do currículo da educação pré-escolar, tendo em conta o total e transversal desenvolvimento das crianças.

A motivação é também um ponto a ter em consideração neste tipo de modelos, na medida em que deve partir-se do interesse intrínseco da criança na tarefa. Por isso foram criados os projetos lúdicos desenvolvidos na sala dos 4 anos (ver reflexão sobre projetos desenvolvidos). É, de facto, importante que as crianças vejam os seus interesses satisfeitos e que o adulto tente, através da observação e avaliação, corresponder às expectativas das crianças, quer individualmente, quer como parte do grupo.

O método utilizado deve ser a aprendizagem pela descoberta, resolução de problemas e investigação, sendo que o processo de aprendizagem passa pelo jogo livre e as atividades espontâneas, pelo jogo educacional e a construção ativa da realidade física e social. As etapas de aprendizagem são compostas por períodos de aprendizagem e desenvolvimento. Creio que os educadores não devem dar respostas imediatas a todas as questões das crianças. É bom que elas se habituem a investigar e pesquisar e que descubram as respostas aos seus “porquês”.

A atividade da criança neste tipo de modelo passa pelo questionamento, planificação, experimentação e confirmação de hipóteses, investigação, cooperação e resolução de problemas. O papel do adulto, tendo em conta a atividade da criança deve ter em consideração aspetos como a estruturação do ambiente, a capacidade de escuta e observação, a avaliação constante, a planificação estruturada, a formulação de perguntas e interações, a compreensão dos interesses e conhecimentos das crianças e do grupo, integrando-o numa cultura direcionada e ainda uma postura investigativa. Posto isto, durante o estágio, verifiquei uma preocupação constante, por parte do adulto, no que toca à planificação e estruturação da rotina diária e ainda da pesquisa e orientação das crianças, individualmente e em grande grupo. Todas estas características do educador permitem adequar a sua prática ao contexto e ainda criar uma relação positiva com as crianças do grupo.

Os materiais utilizados devem ser o mais variados possível, com uso flexível e que permitam a experimentação. Ao encontro do que foi referido anteriormente, as interações professor-criança, criança-criança e criança-material são de nível considerado alto, visto serem proporcionados momentos e rotinas apropriadas ao desenvolvimento deste tópico.

As crianças podem trabalhar em pequeno/grande grupo ou individualmente, sendo que, em contexto de estágio, na sala dos 4 anos, as crianças trabalham, regra geral, em pequenos grupos, tendo em conta a diferenciação pedagógica. Os momentos em grande grupo são o acolhimento e a transição, essencialmente.

A avaliação é centrada nos processos, interessada nos sucessos e nos erros, focada na criança individual, centrada no grupo e reflexiva quanto às aquisições e realizações, ou seja, o educador deve estar atento a todo o contexto e interações das crianças nos diferentes níveis, tendo em vista uma avaliação, o mais detalhada possível, de cada criança e do grupo, para poder ter uma noção mais abrangente acerca da sua postura e da aquisição, por parte das crianças, de tudo o que vai sendo abordado. Importante é, também, fazer com que os erros sejam oportunidades de crescimento e aprendizagem, na medida em que não se deve interferir diretamente na resolução dos

problemas das crianças, mas antes incentivar a autonomia e a resolução de conflitos e questões que se desviem do padrão de cada criança, a fim de que seja possível desenvolver realmente a interação.

ANEXO 1.7 - Reflexão sobre o papel do educador

O presente documento pretende avaliar de modo reflexivo, embora sucinto, o empenhamento máximo do educador, na medida em que a sua prática obedece a três pontos essenciais: sensibilidade, estimulação e autonomia.

Júlio Oliveira-Formosinho, na sua obra “A Supervisão na Formação de Professores: I”, defende uma escala de empenhamento do adulto no que se refere aos três pontos acima nomeados.

O adulto deve, então, adotar um tom de voz positivo, fazer gestos corporais positivos e estabelecer contacto visual; ser carinhoso e afetuoso, respeitar e valorizar as crianças, encorajar e elogiar, mostrar empatia com as necessidades e preocupações das crianças, ouvi-las e responder-lhes e encorajá-las a ter confiança nelas próprias. Na sua intervenção, o adulto deve ter energia e vida, deve coadunar-se com a situação, responder às capacidades e interesses das crianças, motivá-las, estimular de forma rica e com clareza o diálogo, a atividade e o pensamento, partilhar as atividades com as crianças e dar-lhes relevo (mesmo de forma não verbal).

Deve ser dada às crianças autonomia na construção do seu processo de aprendizagem, ou seja, do adulto pretende-se que permita às crianças escolher, apoiando as suas escolhas; dando-lhes oportunidades para fazer experiências; encorajá-las a ter ideias próprias e a assumir responsabilidades; que respeite os juízos feitos pelas crianças sobre a qualidade dos seus trabalhos e que as encoraje na resolução de conflitos.

Tendo em conta todos estes fatores penso que a minha postura foi positiva, principalmente no que toca à sensibilidade e autonomia. Por vezes torna-se difícil promover atividades que vão de encontro às necessidades do grupo, recorrendo à criatividade e inovação, mas creio que, através dos projetos desenvolvidos se tornou mais fácil esta adequação. A minha falta de

energia inicial, que nunca foi falta de motivação, foi algo que não contribuiu de um modo exemplar para a minha prestação. Tenho, no entanto, consciência de que fui melhorando progressivamente e de que fui tentando pôr em prática o que me foi sendo transmitido, de uma forma mais assertiva, em determinadas ocasiões; noutras, nem tanto.

Algo, porém, nunca foi posto em causa – a minha relação com todas as crianças e os laços que, subtilmente, criei com elas. O ambiente que sempre existiu, mesmo em situações difíceis, foi favorecido pela boa relação que sempre mantive com todas as crianças. Não é fácil, em contextos conflituosos, geri-los bem. Dei de mim própria o melhor. Por isso me esforcei sempre. Acredito que durante todo o estágio a minha postura junto das crianças foi muito positiva no que toca à afetividade. Com toda a calma e firmeza possíveis ajudei sempre na resolução de problemas de maior ou menor dimensão. Muito aprendi, também, com isso.

As experiências fora da instituição foram benéficas para o desenvolvimento das crianças e para a sua formação mesmo ao nível das interações e conhecimento do mundo e área da formação pessoal e social.

Obra consultada: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (org) (2002). *A supervisão na formação de professores: I*. Porto. Porto Editora.

ANEXO 1.8 - Reflexão sobre o papel da educadora cooperante

Esta será, certamente, a reflexão mais exigente de todas, tendo em conta que deve abranger todo o ano e acaba por juntar uma auto e hetero avaliação dos adultos envolvidos diretamente no contexto da educação pré-escolar, nomeadamente na sala dos 4 anos da instituição em que foi realizado o estágio final de curso.

A educadora cooperante, já com muitos anos de experiência, mostrou-se bastante disponível na minha integração, tendo em conta a minha pouca prática e falta de conhecimento inicial acerca do grupo (bastante heterogéneo e com uma quantidade razoável de crianças). Forneceu-me todas as informações

necessárias acerca do grupo dos 4 anos, que sempre foi o seu, desde os 2 anos, e que foi já trabalhado em todas as dimensões da educação, atendendo à progressão proporcionada pelo crescimento.

Quando comecei o estágio, apercebi-me de que a maior parte do grupo era já bastante desenvolvido. A educadora foi-me falando um pouco acerca de cada criança e dando alguns conselhos para uma melhor adaptação e envolvimento.

À medida que o tempo foi passando, a exigência do estágio foi aumentando e a educadora foi-me chamando a atenção, com toda a razão, para determinados aspetos da minha prestação, tendo sempre em vista que as minhas falhas fossem motivos de crescimento. Foi um grande exemplo para mim a postura adotada pela educadora cooperante, na medida em que constantemente se mostrou ativa e dinâmica dentro da sala, arranjando sempre algo a trabalhar ou improvisando atividades de um momento para o outro. Parecia, por vezes, que tudo estava pensado para desenvolver todas as áreas e dimensões da educação pré-escolar, individual e coletivamente.

Tudo foi sendo melhorado dentro da sala, desde a organização do espaço até à organização social do grupo, passando pelas interações e até pelo tempo de recreio e atividades no exterior.

A cooperação entre educadora e estagiária foi positiva, na medida em que a Ana foi complementando as minhas ideias e vice-versa, criando um ambiente de cumplicidade e complementaridade importante no decorrer do ano.

As reuniões de planificação serviram também para uma constante autoavaliação e avaliação da educadora cooperante acerca da disponibilidade, entrega e compromisso com o estágio, de maneira a progredir sempre no que toca à escala de desempenho máximo (ver reflexão sobre papel do educador).

A relação entre educadora e auxiliar pautou-se pelo respeito mútuo e cooperação nas atividades pedagógicas, não só mais práticas. A própria auxiliar foi uma grande ajuda no meu desempenho, na medida em que

trabalhou também com o mesmo grupo, desde a creche, e o conhece muitíssimo bem.

A exigência da educadora para com as crianças foi sempre bastante compreensível, dado o grau de desenvolvimento do grupo. Verifiquei que as rotinas já estavam bem implementadas na postura das crianças e que o próprio espaço foi sendo adequado às necessidades das crianças, que estão em constante mutação. Isto só foi sendo possível dado o aprofundado conhecimento de conceitos e práticas e do próprio grupo que a educadora demonstrou ter.

Não foi difícil cativar o grupo nem entrar no ambiente e contexto educativo da sala, até porque as próprias crianças faziam questão de me explicar tudo aos poucos. No dia a dia, foi sempre visível a coerência de decisões entre a educadora e eu, na medida em que estávamos sempre de acordo em qualquer tipo de decisões; o contrário seria de estranhar, visto que eu é que tinha que me adaptar ao contexto e seguir o exemplo de quem me estava a formar, integrando o trabalho que tinha vindo a ser desenvolvido ao longo de 3 anos.

Para terminar, penso ser importante referir que, no que toca a avaliações qualitativas e quantitativas, dada a especial sensibilidade da educadora cooperante, foi-me sendo difícil perceber em que é que errei significativamente. Porém, fui sendo capaz de perceber em que é que poderia melhorar e foi-me sendo referida a melhor maneira de por em prática o que estava a pensar planejar. A minha entrega não foi total, embora a preocupação tivesse sido muita ao longo do ano. Em vários momentos das minhas reflexões me referi a este tópico.

Creio que aprendi como fazer um bom trabalho através do exemplo da educadora cooperante e não podia ter aprendido melhor lição. Acima de tudo, tornamo-nos amigas e sinto que partilhamos experiências uma com a outra, tendo eu estado em constante processo de formação. Eternamente lhe ficarei grata.

ANEXO 1.9 - Reflexão sobre os projetos desenvolvidos

O Trabalho de Projeto, tem como base uma previsão de algo a realizar; deve ter intenções e um plano de ação bem definido; deve haver uma representação do que há a realizar e dos recursos a utilizar, bem como um esboço do que acontecerá futuramente. Tenho muitas vezes presente algo que Kohn escreveu há já algumas décadas e que guardo na memória, como ideia de base – projetamos em todos os momentos aquilo que somos naquilo em que nos queremos tornar.

Desenvolve-se assim, uma pedagogia existencial: a realização e construção de um projeto pessoal, sendo que a educação visa influenciar o futuro das crianças e responder às necessidades e interesses delas.

Este modelo exige algumas condições para poder ser realizado, tendo que existir meios para o desenvolver; a definição de quem faz o quê, quando e de que recursos necessita.

Para desencadear um projeto deve partir-se de uma situação da vida real que desperta a curiosidade intelectual do grupo, encorajando-o para o interesse em saber mais. Na minha opinião é crucial que o Trabalho de Projeto tenha como característica o facto de partir do interesse das crianças, visto que são elas o centro do processo de aprendizagem e devem ser elas a construir-se com a ajuda e suporte do adulto.

O educador deve assumir um papel de construtor de conhecimento e permitir a interação nos diferentes níveis, sendo reflexivo, planeando com as crianças e debruçando-se sobre a prática pedagógica, explorando todas as suas vertentes.

Tendo em conta esta metodologia de trabalho, foram desenvolvidos, no decorrer do ano, na sala dos 4 anos e em contexto de estágio, dois projetos, um mais de intervenção ao nível do espaço e materiais e outro tendo em conta as características do projeto em si.

O “projeto da casinha” foi o primeiro a ser implementado e desenvolvido. Partiu do interesse das crianças por esta área e visou uma consciência da

realidade por parte destas, focando a importância da rotina familiar e a criação de uma identidade pessoal através do “batizado” dos nenucos. As crianças foram aprendendo as tarefas práticas do dia a dia como por a mesa, vestir os bonecos, cozinhar e fazer a cama. O próprio espaço foi sendo remodelado, criando as diferentes divisões da casinha (cozinha e quarto) com papel de cenário e carimbagem com uma sequência lógica, desenvolvendo assim o domínio da matemática e da expressão plástica, a par do conhecimento do mundo e formação pessoal e social. À medida que o projeto se ia desenvolvendo, foi-se verificando um crescente desinteresse por parte das crianças, até porque é bom que o jogo simbólico seja algo espontâneo nas crianças e não orientado pelo adulto. Assim me apercebi de que seria melhor finalizar este projeto e iniciar outro.

No acolhimento, as crianças mostraram interesse em conhecer melhor os animais. Mesmo no contexto das brincadeiras e dos jogos simbólicos desenvolvidos na casinha, as crianças já imitavam animais domésticos. Foi então que foi criado o projeto dos animais. Começou pela apresentação de alguns livros e proposta de criação do livro dos animais da sala. Foi escolhido pelas crianças, em grande grupo, o primeiro animal a ser estudado: o pato. Uma vez por semana eram sorteadas duas crianças para ir com o adulto pesquisar informações, histórias ou vídeos sobre o animal em questão. No fim da semana era sorteada outra criança para levar o livro para casa, trazendo mais informações sobre o mesmo animal. Com animais diferentes, o processo ia-se repetindo ao longo das semanas, permitindo também o envolvimento das famílias, para além de todas as crianças do grupo, visto que a totalidade das informações ia sendo partilhada nos momentos de transição e acolhimento. O projeto teve a duração de 4 semanas, abordando, para além do já referido pato, outros animais como o cão, o coelho e a minhoca. O interesse do grupo por este último partiu de uma ida ao recreio e da descoberta de minhocas debaixo da terra. As crianças estiveram a observar o animal, chegando mesmo a tocar-lhe, mostrando grande curiosidade acerca das suas características. No final do projeto e para tornar claro tudo aquilo que foi sendo estudado acerca dos animais, foi construído um placard com as informações mais importantes,

utilizando fotografias reais e abordando todas as áreas do currículo, durante a própria construção.

ANEXO 1.10 - Reflexão sobre a importância da rotina

A rotina diária apresenta inúmeras vantagens no pleno desenvolvimento da criança, visto que apoia as suas iniciativas fornecendo-lhes tempo para se expressarem e seguirem até ao fim os seus objetivos e intenções. Simultaneamente, permite aos adultos envolverem-se totalmente no apoio e encorajamento da autonomia; oferece um enquadramento social, possibilitando às crianças terem um ambiente psicológica e emocionalmente seguro e com fins definidos, suavizando-lhes a transição do ambiente de casa para o contexto educativo pré-escolar através da construção de um sentido comunitário; proporciona uma estrutura flexível, fornecendo uma alternativa às estruturas rígidas e às estruturas sem regras. Acresce-lhe o potencial de sempre ensinar aos adultos qualquer coisa de novo sobre cada criança em cada dia, para além de apoiar os valores do currículo, na medida em que permite às crianças construir conhecimento e inclui o que é necessário para uma aprendizagem ativa em cada segmento do dia a dia.

As crianças mostram-se bastante mais integradas no contexto pré-escolar, sabendo com o que podem contar. Dá-lhes uma certa segurança conhecer os diferentes momentos do dia e saber o que irão fazer mal chegam à instituição.

Os segmentos temporais permitem desenvolver a própria noção de sequência e de tempo, ou seja, conceitos relacionados com o domínio da matemática. As crianças conhecem a rotina e vão tendo noção do próprio tempo que passa e dos diferentes períodos do dia, reparando imediatamente nas diferenças que possam eventualmente surgir num dia ou noutro, o que não me parece prejudicial, se for bem aproveitado do ponto de vista didático.

Os períodos de aprendizagem pela ação estão sempre e constantemente presentes na rotina diária, sendo que as crianças trabalham em grande grupo, em pequenos grupos ou individualmente, tendo oportunidades para interagir e aprender, de acordo com uma estrutura flexível

que apoia o currículo da educação pré-escolar. As crianças têm, então, tempo para progredir nos seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões.

A rotina diária é composta por uma sequência lógica que permite que construam a sua própria identidade e que sejam os autores do seu processo de aprendizagem que é o planejar-fazer-rever. Perante isto, as crianças escolhem para onde querem ir trabalhar ou o que querem fazer (iniciativa e liberdade), trabalham e, por fim, num momento de transição, reveem o que fizeram, em grande grupo, utilizando o diálogo e a partilha. Como exemplo, posso apontar o “dia do desafio”, prática que adotei frequentes vezes – o “carteiro” vai à sala deixar uma carta com uma proposta de algo para ser feito num determinado enquadramento, mas deixando liberdade de escolha às crianças.

A própria organização social, bem como do espaço e dos materiais permite a criação de uma rotina bem estabelecida, na medida em que as crianças devem preencher os quadros nos devidos momentos, de forma a saber e a conhecer as regras a cumprir.

A rotina auxilia, também, na interiorização daquilo a que se chama hábitos saudáveis de vida, já que existem tempos definidos para as necessidades biológicas e fisiológicas dos seres vivos como comer e dormir, momentos estes que são bem marcados e frisados no dia a dia.

No contexto de estágio, da rotina diária fazem parte o momento de acolhimento, o momento de preenchimento do quadro de presenças, o momento de escolha das áreas de interesse, o trabalho em pequenos grupos, orientado ou livre, o momento da arrumação, o momento de transição (hora do conto e lavar as mãos), o almoço, a hora de dormir, o acordar, a conclusão de trabalhos, o lanche e o recreio ou tempo livre na sala da televisão. Tudo isto encaixa na total perfeição da sequência planejar-fazer-rever, abordada acima.

Em suma, a rotina faz parte de um bom ambiente educativo, tendo em conta contextos e características do grupo e de cada criança, assim como a cultura e a aprendizagem pela ação.

ANEXO 1.11 - Reflexão sobre o tempo de revisão

“A revisão tem lugar, quer no segmento da rotina diária designada como tempo de rever – o elemento final da sequência planejar-fazer-rever – quer ao longo do dia, à medida que a criança reflete sobre o seu trabalho.” (Hohmann; Weikart, 2011: 339)

O processo de reflexão das crianças é tão importante no seu desenvolvimento como é a rotina diária ou qualquer dimensão da educação. É um processo ativo de criação de histórias, lembrando e refletindo sobre ações e experiências. A versão mental das experiências permite às crianças compreender e interpretar acontecimentos para poderem dar um sentido às suas ações.

As crianças começam a fazer associações de planos, a desenvolver ações e resultados, começando por aquilo que fizeram, criando intenções e propósitos para aquilo que irão realizar, ou seja, planeiam antes de fazer o que quer que seja. Passam, então, a ter o controlo das suas ações.

A partilha faz também parte do processo de revisão. As crianças falam com os outros sobre experiências com significado pessoal, interagindo aos diferentes níveis, encontrando significados para os seus gestos, narrando como protagonistas da história, interpretando os outros e a sua postura e compreendendo o porquê de tudo, em colaboração com os demais.

As crianças vão formando imagens mentais de experiências do passado e do futuro (reais e imaginárias); descrevem pessoas e objetos para que os outros percebam e utilizam a linguagem e o movimento para lembrar, imaginar e entender. A representação é desenvolvida através da revisão de acontecimentos e experiências por parte das crianças.

Durante o tempo de revisão, as crianças vão desenvolvendo as suas capacidades de recontar acontecimentos passados; escolhem as experiências que querem recordar; constroem a sua compreensão pessoal daquilo que acabaram de fazer e relembram as experiências de inúmeras formas.

As estratégias utilizadas no tempo de revisão vão desde a conversa ao desenho e à escrita. Durante uma conversa, as crianças reveem e relembram experiências, reconstróem o passado, utilizam um discurso pontuado e pausado e vão obtendo narrações mais detalhadas à medida que vão crescendo. Quando utilizam o desenho e a escrita, mostram necessidade de reproduzir um objeto real e expressam-se através de rabiscos. Quando reveem, as crianças selecionam experiências, constroem compreensão e relembram de diferentes formas aquilo que viveram.

Não deixa de ser curioso como isto vai acontecendo frequentemente na rotina diária. No contexto em que estagiei, o papel das crianças foi sendo evidente no processo de revisão, sendo proporcionados momentos de partilha e diálogo, nos quais iam, espontaneamente, contando o que acontecera durante o dia anterior ou mesmo no momento antecedente. A capacidade que as crianças têm de recontar histórias é fabulosa e os pormenores acabam por estar todos evidenciados no seu discurso.

Obra consultada: HOHMANN, Mary & WEIKAART, David P. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

ANEXO 1.12 - Reflexão sobre o tempo de trabalho

O tempo de trabalho consiste no tempo durante o qual as crianças levam a cabo as suas intenções, brincam e resolvem problemas, sendo importante para a promoção e criação de uma sequência intencional de ações, tendo em conta o que planearam e pensaram, surgindo ideias novas enquanto brincam.

As crianças envolvem-se em experiências e concretizam os seus planos e objetivos. Transformam planos iniciais em ações concretas e descobrem ideias novas; fazem escolhas e selecionam materiais. Tornam-se, pois, construtoras de vida.

Brincam de forma intencional, de maneira lúdica e utilizam as próprias brincadeiras como meio de aprendizagem e desenvolvimento, tendo extrema necessidade de explorar, experimentar, inventar e construir.

As crianças passam a fazer parte de um contexto social, tomando consciência da presença de outras crianças e convivendo com elas.

Simultaneamente utilizam materiais diversos, portanto, estão em constante interação e atividade.

A resolução de problemas também faz parte do tempo de trabalho. Tudo deve ser autogerido, ou seja, as crianças devem ser incentivadas a resolver os seus entraves, pois há acontecimentos e problemas que não podem ser antecipados, outros que não podem ser adiados. Estas criam uma nova compreensão do mundo físico e das mudanças sociais ao serem confrontadas com situações imprevisíveis e de complexa resolução.

Os adultos devem assumir um papel ativo no que toca ao apoio durante o tempo de trabalho. Devem observar e respeitar a forma como as crianças vão gerindo o seu processo de aprendizagem; devem proporcionar espaços favoráveis a qualquer tipo de trabalho em todas as áreas de interesse e também colocar à disposição materiais para a elaboração de tarefas.

A seleção de crianças para observar de maneira mais próxima é também benéfica, na medida em que proporciona apoio e contacto ainda mais próximo, participação nas suas brincadeiras, conversa com elas e encorajamento mesmo na resolução de problemas de uma maneira mais individualizada, embora tendo sempre em conta o grupo.

Os adultos vão analisando as interações das crianças e elaborando registos de observação. No entanto, é o adulto que define, aproximadamente, o tempo de trabalho, pois não deixa de existir uma rotina (ver reflexão sobre a importância da rotina).

É durante o tempo de trabalho que o adulto se encontra em condições de melhor conhecer as crianças do seu grupo.

ANEXO 1.13 - Reflexão sobre a criança e o sonho

Sebastião da Gama dizia que “pelo sonho é que vamos”. António Gedeão acreditava que “o sonho comanda a vida”. Eu não sou poeta, mas sei que dentro de mim o sonho ocupa um lugar que eu não quero ceder a nada, porque é dele, desde que me conheço.

Sonhar é importantíssimo. Deve começar cedo e bom seria que o pudéssemos fazer até ao fim da vida, porque nenhuma vida resiste se não houver um ideal. Por isso é que as crianças devem ser autorizadas, incentivadas a sonhar. Não devemos arrancá-las demasiado cedo aos seus sonhos mais inocentes e pueris. Quanto mais fértil for a sua imaginação, mais rico será o seu universo.

Todas as crianças deveriam poder encarar a escola como um espaço onde também se ensina a sonhar. A história que se lê alto para que todos ouçam; o jogo em que todos participam; o pequeno trabalho manual que cada um faz como atividade programada para todos; estes deveriam ser momentos em que qualquer criança pudesse sentir-se transportada para o mundo de faz-de-conta em que tem o direito de viver, enquanto pode. A verdade é que é preciso tempo para dar largas à imaginação e a primeira a perceber isso tem de ser a educadora, aquela, ou aquele que conduz a criança e lhe vai apresentando o mundo. Bem mais depressa do que se pensa, a criança vai deixar de poder naturalmente usufruir do direito a sonhar, a imaginar, a inventar, a ser herói e vítima num lugar que mais ninguém conhece e no qual só habitam as personagens que ela entende.

Se por um lado sabemos que a criança de 4 anos já não tem um pensamento fragmentário, por outro sabemos que com esta idade tende a pensar que uma coisa é causa da outra. Chama-se a isto raciocínio transdutivo, isto é, perante dois acontecimentos não correlacionados, a criança estabelece uma relação de causa e efeito. Se assim não fosse, o mundo real, ao qual tem, forçosamente, que se ir adaptando, seria um mundo demasiado inóspito e pouco acolhedor.

Se as crianças constroem os seus castelos no ar, é bom que deixemos que o façam. Como educadores, todavia, é nossa obrigação ajudá-las a fundar os alicerces da vida que neles vivem. Essa vida não pode, nem deve ser uma vida de faz-de-conta constante, mas uma vida que se encare sempre com esperança. Uma criança que não tenha sido incentivada a sonhar, não vai ser capaz de entender o que é lutar por um ideal, dar importância sobretudo ao que

é mais pequeno (quase sempre tão significativo) ou saber tirar partido de situações inesperadas para as transformar em oportunidades.

Na criança de 4 anos, as aptidões sociais baseiam-se sobretudo no egocentrismo e o discernimento moral no realismo, no animismo, no artificialismo e na onnipotência de que se reveste o adulto aos olhos dela. Penso que é imprescindível que aprenda a distinguir o que é real do que não o é. Sendo assim, há que a deixar sonhar, até por uma questão de coerência: não pode haver realidade sem imaginação, nem imaginação sem realidade. São distintas, portanto termo de comparação uma da outra.

Ao educarmos, assumimos um compromisso pessoal com cada criança e, por conseguinte, com o mundo. De certo modo, aspiramos à felicidade possível que só pode advir da mais plena realização de cada criança como pessoa. Estou convencida de que a felicidade é a terra da utopia, da imaginação, do sonho. Mas há utopias que se tornam reais e sonhos que se concretizam, umas e outros num espaço comum.

Como diz Carvalho (1994), *“a liberdade, que surge como um autêntico pressuposto antropológico, é também uma categoria cuja construção, inclusive como referência da existência, passa pelo homem. (...) Na realidade, só se pode ser um sujeito real dos projetos pedagógicos – teóricos ou práticos – quando a implicação pessoal assentar numa disponibilidade primordial para o outro, seja qual for a natureza que este assuma.”* (Carvalho, 1994: 95)

Penso que o sonho faz parte da natureza de cada um, desde criança.

Obra consultada: CARVALHO, Adalberto Dias de (1994) – Utopia e Educação. Porto: Porto Editora.

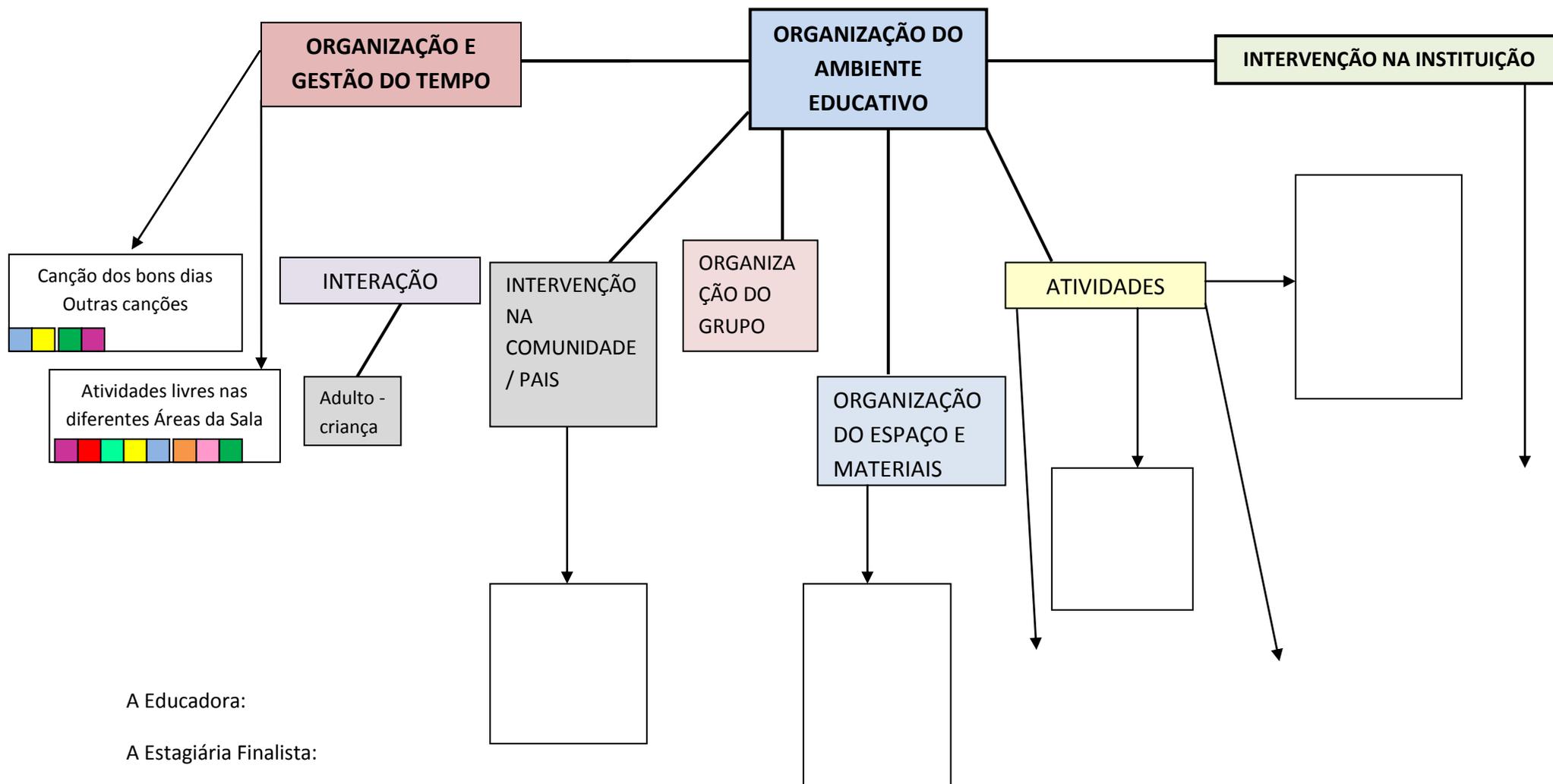
ANEXO 2 – Planificações semanais

Anexo 2.1-Modelo de uma planificação semanal

Anexo 2.2-Planificação da semana de 30 de setembro a 4 de outubro de 2013

Anexo 2.3-Planificação da semana de 5 a 9 de maio de 2014

PLANIFICAÇÃO DA SEMANA DE 2013



A Educadora:

A Estagiária Finalista:

LEGENDA: (planificação da sala dos 4 anos)

- Cada cor representa uma das áreas de desenvolvimento da criança.
- Cada actividade tem identificada a(s) área(s) que se pretende desenvolver.

Áreas de Conteúdo:



Área de Formação Pessoal e Social

Áreas de Expressão e Comunicação:



Expressão Motora



Expressão Plástica



Expressão Dramática



Expressão Musical



Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita



Domínio da Matemática

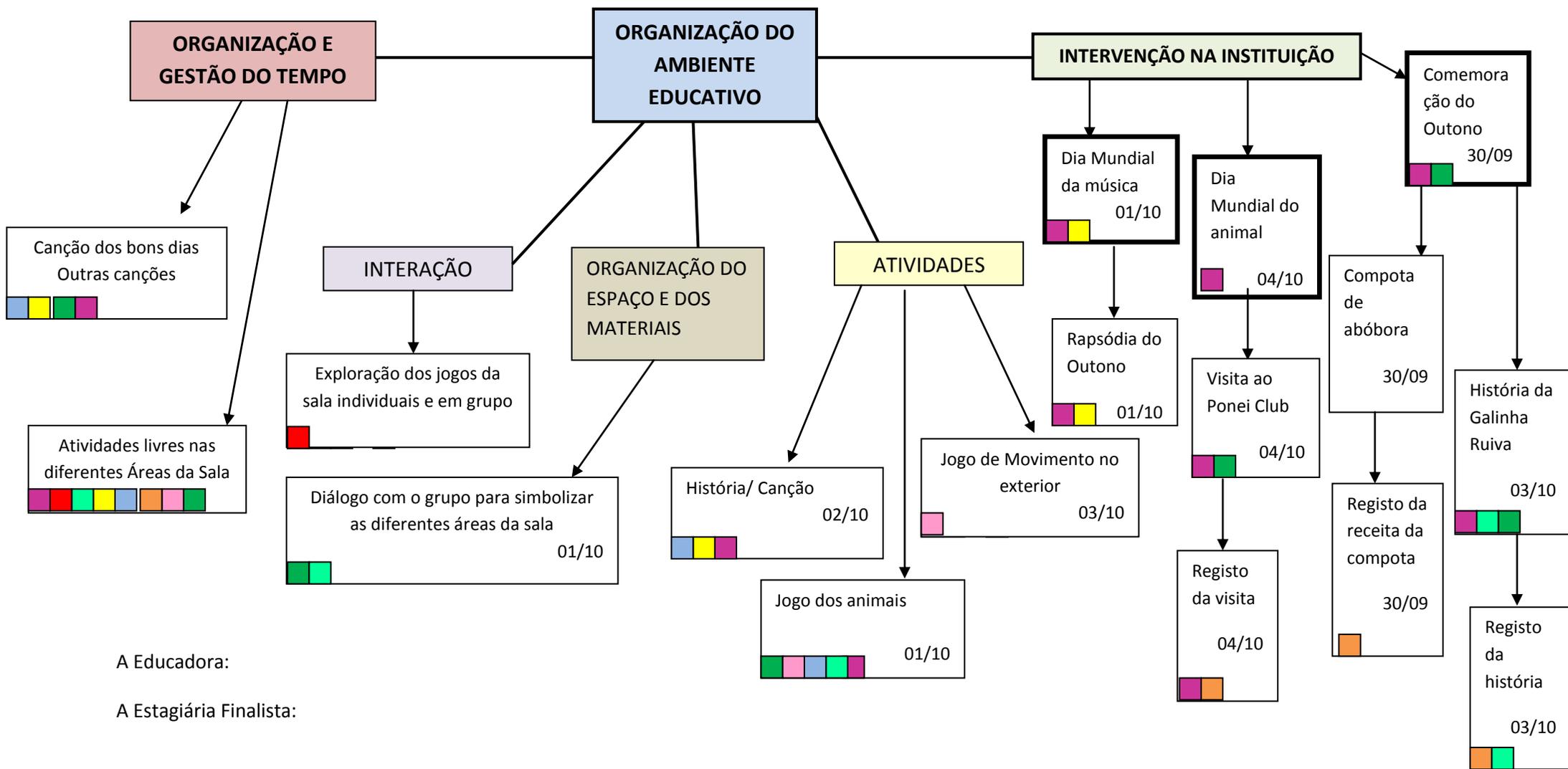


Área de Conhecimento do Mundo

**ATIVIDADES, ESTRATÉGIAS, OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM
E RECURSOS**

Estratégias de organização e gestão do tempo:

PLANIFICAÇÃO DA SEMANA DE 30 de setembro a 4 de outubro 2013



DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES, OBJECTIVOS E INTENÇÕES PEDAGÓGICAS E

RECURSOS:

- Dia 2 de Outubro, quarta-feira:

Atividade do Baú das Histórias: A estagiária finalista levará um baú com alguns objetos variados (uma pequena bola, um carro, várias caixinhas, blocos, um álbum de fotografias, entre outros que vai trazendo de casa) e contará uma história de uma menina (boneca de porcelana) que encontrou no sótão o baú da Avó e que esse baú é mágico e terá muitas surpresas, mas tem que se ter muito cuidado com ele, porque é muito valioso. As crianças terão esse baú num canto da sala durante o ano e, de vez em quando, ou a estagiária ou as crianças contarão histórias com os objetos que lá vão estando, desenvolvendo assim o sentido criativo das crianças. Neste dia específico haverá um CD de áudio dentro do baú e as crianças ouvirão uma música do Outono, visto que estamos a dar entrada nessa estação e é importante marcar estas datas do ano civil.

Com esta atividade pretende-se que as crianças sejam capazes de:

Relacionar a letra da música à altura do ano em que se encontram (mês de Outubro, Outono);

Estar atentas a uma história e identificar objetos e nomes das personagens;

Descrever objetos e especificar a sua função;

Ter cuidado com objetos que são de enorme valor sentimental a partir do início desta atividade;

Ter respeito pelas normas e regras da sala no que respeita ao comportamento.

- Dia 3 de Outubro, quinta-feira:

Sessão de Expressão Motora: As crianças terão que desenvolver as suas capacidades motoras a partir de um percurso delimitado pela estagiária (provavelmente no exterior), em que terão que saltar, correr e andar percorrendo diferentes obstáculos. O plano de aula de expressão motora encontrar-se-á em anexo.

- Dia 4 de Outubro, sexta-feira:

Dia Mundial do animal: visita no exterior.

Recursos materiais gerais:

- Baú com diversos objetos dentro (bola, flores, álbum de fotografias, blocos para escrever, carro, CD de áudio, Saco com surpresas, caixinha...);
- Boneca de porcelana;
- Gravador/ leitor de áudio;

PLANIFICAÇÃO DA SEMANA DE 5 A 9 DE MAIO DE 2014

ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DO TEMPO

ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO

INTERAÇÃO

ATIVIDADES

Canção dos bons dias
Outras canções

Atividades livres nas
diferentes Áreas da Sala

Ficha de matemática
sobre o
conceito de
sequência

6/5

Criança
-
criança

Projeto dos animais:
pesquisa sobre novo
animal

8/5

Sessão de
movimento

9/5

Continuação do
Projeto da
casinha

8/5

Atividade
relacionada com a
promoção da
inteligência
emocional: sou
capaz de ser
amigo...

7/5

A Educadora:

A Estagiária Finalista:

ATIVIDADES, ESTRATÉGIAS, OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E RECURSOS

Planificação da semana:

Atividade relacionada com a promoção da inteligência emocional: sou capaz de ser amigo...

Estratégias:

Elaboração dos cartões dos amigos – em pequenos grupos, cada um faz o seu;

Diálogo sobre o que é ser amigo – em grande grupo.

Objetivos:

Partilhar brinquedos e outros materiais com os colegas;

Dar oportunidade aos outros de intervirem nas conversas e jogos e esperar a sua vez para intervir;

Demonstrar comportamentos de apoio e entreaajuda;

Contribuir para o funcionamento e aprendizagem do grupo, com propostas, ideias, procura de soluções, perspectivas e saberes com respeito pelos outros;

Participar na planificação de atividades e de projetos individuais e coletivos;

Colaborar em atividades de pequeno e grande grupo, cooperando no desenrolar da atividade e/ ou na elaboração do produto final;

Avaliar, apreciando criticamente, os seus comportamentos, ações e trabalhos e os dos colegas, dando e pedindo sugestões para melhorar.

Recursos:

Educadora e estagiária

19 crianças

Cartolinas

Material de expressão plástica

Projeto dos animais: pesquisa sobre novo animal

Estratégias:

Diálogo em grande grupo;

Combinação do novo animal;

Pesquisa no computador, navegando na internet.

Objetivos:

Identificar elementos do ambiente natural e social de um lugar;

Identificar permanência e mudança nos processos de crescimento, associando-o a diferentes fases nos seres vivos, incluindo o ser humano;

Verificar que os animais apresentam características próprias e únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios;

Identificar as diferentes partes constituintes de vários tipos de animais e reconhecer aspectos das suas características.

Recursos:

Educadora e estagiária

19 crianças

Caixa das fotografias

Livro dos animais

Computador

Ficha de matemática sobre o conceito de sequência

Estratégias:

Elaboração de uma ficha em pequenos grupos.

Objetivos:

Contar quantos objetos têm uma dada propriedade;

Enumerar e utilizar os nomes dos números em contextos familiares;

Reconhecer os números como identificação de quantidade;

Reconhecer sem contagem o número de objetos até 6 de um conjunto;

Utilizar a linguagem “mais” ou “menos” para comparar dois números;

Reconhecer os números de 1 a 10;

Utilizar o 5 como um número de referência;

Estabelecer relações numéricas entre números até 10;

Começar a relacionar a adição com a junção de dois grupos de objetos e a subtração com o retirar de objetos de um grupo;

Resolver problemas simples recorrendo à contagem e/ ou à representação através de desenhos, esquemas simples ou símbolos;

Reconhecer e explicar padrões simples;

Utilizar objetos familiares e formas comuns para criar e recriar padrões e construir modelos.

Recursos:

Educadora estagiária;

19 crianças;

Livro de fichas.

ANEXO 3 – Planificações das Sessões Motoras

Anexo 3.1-Planificação do dia 3 de outubro de 2013

Anexo 3.2-Planificação do dia 23 de maio de 2014

SESSÃO DE EXPRESSÃO MOTORA

Escola: Associação Infântario e jardim-de-infância Carolina Michaelis		
Grupo: 4 anos	Nº de crianças: 18	Data: 3 de Outubro de 2013
Aula nº: 1	Área do currículo: Área das expressões: expressão motora	
Objetivo geral: Desenvolver as diversas áreas da motricidade infantil e as capacidades motoras básicas.		

Objetivo	Conteúdo	Organização didático-metodológica	Objetivos comportamentais	Material	Tp
<p>Esquema corporal</p> <p>Movimentar-se para que o corpo fique habituado ao exercício que irá executar de seguida (aquecimento)</p>	<p>CORPO VIVIDO Grande motricidade Andar Corridas Saltos</p>	<p>As crianças devem colocar-se em fila, correr ao mesmo tempo quando a estagiária bate uma palma e quando bate outra parar.</p> <p>As crianças devem correr, uma a seguir à outra, de um lado ao outro da sala, contornando 1 meco no início e outro meco no final.</p>	<p>As crianças devem ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar-se mutuamente - Correr e efetuar um determinado percurso - Ter consciência das partes do corpo 	- Mecos	5'
<p>Esquema corporal</p> <p>Executar movimentos globais e precisos movimentando o corpo de uma forma livre</p>	<p>CORPO VIVIDO Grande motricidade Jogos com bola</p>	<p>Num espaço delimitado por um arco, onde cada criança de cada vez se encontra dentro, mandar uma bola à parede e apanhar sem que esta bata no chão.</p>	<p>As crianças devem ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a grande motricidade - Apanhar a bola sem deixar cair - Conhecer o espaço delimitado - Respeitar e cooperar 	- Arco - Bola	10'

<p>Esquema corporal</p> <p>Conhecer e nomear as partes do corpo através da percepção vivida</p>	<p>CONHECIMENTO DAS PARTES DO CORPO</p> <p>Perceber as partes do corpo</p>	<p>Carrinho de mão:</p> <p>A pares, uma criança é o carrinho, em que tem que fazer um percurso tendo as mãos no chão e fazendo força com os braços e a outra é quem leva o carrinho, segurando nos calcanhares da criança que está no chão. Seguem em linha reta.</p>	<p>As crianças devem ser capazes de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ter percepção sobre a importância dos membros inferiores e superiores - Respeitar os colegas - Ter destreza física 	<p>- Mecos</p>	<p>10'</p>
<p>RELAXAMENTO</p>	<p>Repousar após atividade física intensa</p>	<p>Andar com uma bola entre as pernas: Jogo das galinhas</p> <p>Cada criança deve conseguir efetuar um percurso em linha reta em que leva uma bola entre as pernas. Esta não pode cair e representa o ovo que as galinhas têm que ir por ao ninho e tem que chegar inteiro.</p> <p>As crianças fingem que são galinhas e galos e devem deitar-se no seu galinheiro e dormir, porque estão cansadas, ao som de música calma. A estagiária vai acordando as galinhas e galos dois de cada vez e estes vão se levantando.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Estar concentradas - Ajudar-se mutuamente - Ter destreza física <p>- Saber e conhecer a importância de descansar após o exercício</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar os outros colegas, sem brincadeira 	<p>- Bola</p> <p>- Mecos</p> <p>- Leitor de CD</p>	<p>10'</p> <p>5'</p>

SESSÃO DE EXPRESSÃO MOTORA

Escola: Associação Infantário e jardim-de-infância Carolina Michaelis		
Grupo: 4 anos	Nº de crianças: 19	Data: 23/05/2014
Aula nº: 10	Área do curriculum: Área das expressões: expressão motora	
Objetivo geral: Desenvolver as diversas áreas da motricidade infantil e as capacidades motoras básicas.		

Objetivo	Conteúdo	Organização didático-metodológica	Objetivos comportamentais	Material	Tp
Aquecimento	Corrida livre	Crianças espalhadas pelo espaço exterior, em cima do flexipiso, devem correr livremente utilizando todo o espaço.	Cumprir as regras da corrida estabelecidas previamente e definidas pelas crianças (presentes nas anteriores planificações)	Sino	4'
	Jogo das estátuas	Continuam a corrida, mas páram em estátua original quando ouvem o sino; quando voltam a ouvir, voltam a correr.			4'
	Jogo do homem do gelo	Duas crianças são quem apanha as outras. Ao serem apanhadas, devem ficar em estátua, sendo que quem ainda não foi apanhado pode tocar nos que foram para que o “gelo derreta”			5'
Fundamental	Corrida de estafetas	Existe a equipa 1 e 2, de acordo com os números distribuídos aleatoriamente, sendo que	Ter sentido de equipa e competitividade	Folhas Arcos Sino	14'

<p>Relaxamento</p>	<p>Movimentos amplos com o corpo</p>	<p>devem correr de uma ponta à outra do flexipiso, apanhando, no fim da corrida, uma folha que está dentro de um arco. Todas as crianças da equipa devem correr e fazer o exercício, que só acaba quando o último chegar. À medida que vão correndo, passam para o final da fila.</p> <p>No final, as crianças devem contar as folhas e ordená-las.</p> <p>As crianças devem estar espalhadas pelo flexipiso, viradas de frente para a estagiária e com bastante espaço entre elas.</p> <p>Imitam a estagiária, utilizando todo o corpo e realizando movimentos amplos e calmos.</p>	<p>saudável, respeitando a integridade física uns dos outros.</p> <p>Respeitar o espaço do outro.</p>		<p>5'</p>
--------------------	--------------------------------------	--	---	--	-----------

ANEXO 4 - Entrevistas

Entrevista 1 (Educadora de Infância)

É fundamental o conhecimento das capacidades emocionais das crianças e da medida em que este tipo de intervenção e interação na rotina do jardim de infância pode modificar o ambiente educativo e as próprias relações entre crianças e adultos.

O que entende por Inteligência Emocional?

É a capacidade que nós temos em perceber e estar atentos às emoções das crianças perante determinadas situações e tentar que elas aprendam a lidar e a controlar melhor essas emoções.

Considera que é necessário intervir no desenvolvimento da inteligência emocional da criança?

Penso que o Educador pode ter um papel importante no “despiste” dos estados emocionais mais inadequados ou alterados quando a criança é confrontada com determinadas situações. Ou seja, quando observamos na criança reações inesperadas, a nossa função será a de minimizar ou até mesmo conseguir que ela lide / reaja de forma mais calma e natural com aquilo que a fez ficar alterada.

Os medos que as crianças têm podem ser “educados” de forma a que elas aprendam a controlá-los.

Que estratégias utiliza para potenciar a inteligência emocional nas crianças?

Nestes últimos anos tenho trabalhado sempre em salas de Creche e penso que todas ou quase todas as atividades que fazemos podem provocar nas crianças comportamentos / reações diferentes. Uma simples história, teatro ou mesmo uma canção podem servir como instrumento para provocar na criança uma alteração emocional.

Considera que as crianças da sua sala possuem capacidades relacionadas com este tipo de inteligência na resolução de problemas?

Como são crianças muito pequenas, certamente que possuem essa capacidade, mas penso que este é um trabalho que terá de ser treinado no dia a dia pois o controlo das nossas emoções não se faz de forma automática, requer sempre uma aprendizagem.

Como pode uma educadora aperceber-se da presença ou ausência desta capacidade nela própria?

Não me parece que seja difícil termos capacidade de nos conhecermos emocionalmente.

O Educador tem que saber conhecer-se a si próprio (emoções, reações) para poder relacionar-se com os outros, para conhecer, perceber e saber lidar com as crianças que terá sobre sua responsabilidade e sobre quem tem a responsabilidade e obrigação de EDUCAR.

Entrevista 2 (Psicóloga)

Visando o esclarecimento de algumas questões teóricas ligadas à psicologia e à aprendizagem emocional, tendo em conta determinadas especificidades próprias da sua formação e, naturalmente, do que decorre da sua experiência profissional, pergunto:

O que entende por inteligência emocional?

Não é um conceito muito fácil de definir, mas eu relaciono-a com a capacidade para lidar com as emoções no melhor sentido.

Os educadores de infância podem contribuir para o desenvolvimento da inteligência emocional das crianças?

Podem e devem, mas é necessário que estejam preparados para que a intervenção seja positiva, caso contrário as crianças podem ser prejudicadas.

Por vezes torna-se difícil perceber e compreender as frustrações das crianças. Como devem os educadores, em contexto de sala, com as

crianças, controlar as reações imediatas (às vezes irritadas e sem grande razão) em prol do bem-estar e da saúde emocional de todas e de cada uma?

Não sou educadora, mas como psicóloga penso que é sempre melhor resolver as frustrações de cada um individualmente. Se o bom senso levar o educador a perceber que em determinadas situações de conflito, o melhor é envolver todas as crianças, deve fazê-lo. Se ele próprio tem os seus problemas, deve sempre evitar que as crianças se ressintam com isso.

Devem as crianças ser autorizadas a fazer tudo aquilo que querem? Não deve haver qualquer tipo de controlo?

Não. Tem que haver um meio-termo. Por um lado não deve existir repressão, mas por outro a tolerância tem limites. O ideal é que as crianças saibam que há regras que todas devem cumprir e que o respeito é importante.

Estarão as necessidades dos educadores frequentemente em competição com as das próprias crianças?

Outra pergunta difícil. Eu acho que isto acontece com toda a gente e não só com os educadores, mas um educador experiente consegue o distanciamento necessário. Deve fazer tudo para conhecer bem as crianças.

Que aspetos da inteligência emocional devem ser considerados pelos educadores de infância?

A inteligência emocional funciona como um todo, porque está tudo ligado. Penso que é muito importante que a criança goste de si mesma e se sinta bem na sua pele. Se isto acontecer terá um bom relacionamento com os outros.

ANEXO 5 – REGISTOS DE OBSERVAÇÃO

Registo de incidente crítico

Nome da criança: J.

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária Mafalda

Data: 28/11/2013

Incidente

Na área das construções, o J. e o M. estavam a brincar com o barco grande, até que o M. tentou tirar o brinquedo das mãos do J. ao que o J. respondeu: "Oh M., mas tens que aprender a partilhar sem ficares triste".

Comentário

O J. revela uma enorme capacidade de sociabilidade com as outras crianças e assume uma postura assertiva, mas compreensiva, conseguindo negociar as brincadeiras sem intervenção direta do adulto. O J. ainda fica um pouco triste por ter que partilhar e parece ser uma criança que interage menos, gostando de defender a sua opinião, no entanto, acaba por entender as posições dos colegas.

Áreas de conteúdo:

Área de Conhecimento do Mundo

Área de Formação Pessoal e Social



Escolha realizada por:

J.

Dia da realização do trabalho:

2 de Janeiro de 2014

Dia da seleção do trabalho:

3 de Janeiro de 2014

Contexto:

Em grande grupo, numa sala mista e durante o acolhimento, o J. trouxe um cão de peluche que lhe foi oferecido no Natal, emprestou-o às outras crianças e ainda referiu que tinha recebido presentes relacionados com animais.

Comentário da criança:

“Trouxe um cão que os meus pais me deram no Natal, também tive mais coisas de animais, mas gostei muito deste cãozinho... Posso deixá-lo na casinha para todos brincarem?”

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Relação interpessoal: O J. sabe como manter uma boa relação e interação com os pares, emprestando o que é seu e contando acontecimentos importantes da sua vida.

Autonomia pessoal: O J., de forma autónoma, empresta os seus objetos e toma a iniciativa de brincar sem eles.

Educação para os valores: O J. respeita regras de cidadania e sabe expressar bem os sentimentos.

Saberes científicos: O J. interessa-se muito pela área da biologia, no que toca ao conhecimento dos diferentes animais e da natureza.

Áreas de conteúdo

Área de Formação Pessoal e Social

Expressão Plástica

Domínio da Matemática

Escolha realizada por:

Estagiária Mafalda



Dia da realização do trabalho:

3 de Janeiro de 2014

Dia da seleção do trabalho:

4 de Janeiro de 2014

Contexto:

Pequeno grupo. A criança estava a construir uma coroa para o dia de Reis, com mais três crianças e com a estagiária numa mesa (utilizada geralmente para a área dos jogos). O trabalho consistia na colagem de várias formas geométricas para enfeitar as coroas, sendo que cada criança deveria fazer a sua.

Comentário da criança:

Neste contexto, o J. comentou com outra criança que estava a fazer o mesmo trabalho: "Olha, M., vou contar quantas bolas colaste na tua coroa para colar o mesmo número na minha."

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Relação interpessoal: O J. demonstra bastante capacidade de comunicação e interação com outras crianças e adultos.

Autonomia pessoal e social: O J. é capaz de desenvolver tarefas autonomamente e afirma, por vezes, não precisar da ajuda do adulto.

Expressão Plástica: O J. foi desenvolvendo a sua motricidade fina, conseguindo colar as figuras na coroa, sem necessitar de qualquer tipo de ajuda e muito minuciosamente.

Matemática: O J. mostra possuir conhecimentos relacionados com o domínio da matemática, no que toca à contagem, noção de número e geometria.

Áreas de conteúdo:

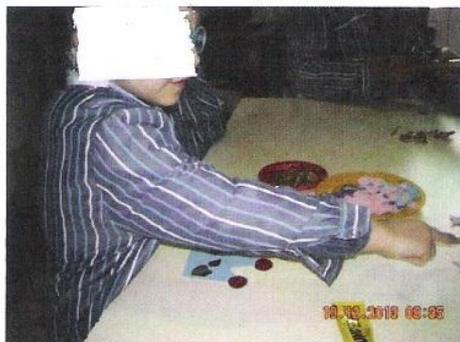
Escolha realizada por: Estagiária Mafalda

Expressão Plástica

Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Matemática

Linguagem Plástica e Escrita

**Dia da realização do trabalho:**

8 de Janeiro de 2014

Dia da seleção do trabalho:

8 de Janeiro de 2014

Contexto:

O J. decidiu ir fazer uma colagem e pediu para por na capa, porque gostava muito daquelas imagens. O José esteve a conversar com o João sobre a colagem, visto que partilhavam os mesmos gostos.

Comentário da criança:

J: "Olha, Mafalda, eu quero por isto na capa, porque são coisas que eu tenho em casa, uns brinquedos eu tenho, mas outros não e gostava e por isso quero por no meu portfólio."

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Relação interpessoal: O J. consegue manter uma conversa com as crianças num tom animado e sabe escutar e falar na sua vez.

Autonomia pessoal e social: O J. é autónomo na realização de atividades na sala.

Expressão plástica: O J., cada vez mais, consegue adquirir capacidades de motricidade fina e trabalhos minuciosos.

Matemática: O J. apresenta capacidades cognitivas ao nível da matemática, contando o número de recortes que fez e colou na folha branca.

Áreas de conteúdo:

Escolha realizada por: J.

Expressão Plástica

Conhecimento do Mundo



Dia da realização do trabalho:

10 de Abril de 2014

Dia da seleção do trabalho:

10 de Abril de 2014

Contexto:

Área do desenho. Trabalho realizado durante a manhã, em pequenos grupos.

Comentário da criança:

“Desenhei um castelo, vês? E são os senhores que viviam naquela altura nos castelos! Eu gosto de ver castelos e de desenhar os castelos!”

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Educação para os valores: O J. sabe expressar os seus sentimentos é engraçado observar, através dos seus desenhos, a fase em que se encontra. Tem vindo a desenhar sempre castelos quando escolhe a área do desenho ou da pintura e vai mostrando que gosta de história e de saber mais sobre antigas tradições.

Expressão plástica: O J. já desenha bastante melhor, com mais rigor e representando melhor o que pretende. Também na pintura foram observados progressos. Já mostra mais interesse e empenho nesta área.

Saberes sociais: O J. é uma criança que dá importância às tradições e costumes e gosta de entender como era a vida antigamente, questionando tudo. A área da história também parece ser incentivada pelos pais em casa.

Áreas de conteúdo:

Escolha realizada por: Estagiária Mafalda

Interação Pessoal e social



Dia da realização do trabalho:

16 de Maio de 2014

Dia da seleção do trabalho:

16 de Maio de 2014

Contexto:

Visita de estudo à Quinta da Macieirinha – viagem de camioneta em grande grupo.

Comentário do adulto:

Este registo foi efetuado na medida em que a estagiária achou importante a relação que estas duas crianças foram construindo durante o ano, visto que estiveram muitas vezes num contexto de aprendizagem semelhante e mostraram-se muito próximos, aprendendo um com o outro, em conjunto.

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Relação interpessoal: O J. mostra ser um menino bastante sociável e facilmente mantém relações estáveis com as outras crianças, mostrando respeito e amizade pelas da sua sala (e mesmo das outras). Tem um ou outro amigo com quem se identifica mais, o que me parece compreensível e saudável, pois identifica-se com outros, partindo dos gostos semelhantes.

Registo de incidente crítico

Nome da criança: F.

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária Mafalda

Data: 29/11/2013

Incidente:

A F. F. F. F. F. começou a chorar durante o acolhimento, sem razão aparente, entendendo a estagiária, mais tarde, que a criança estava realmente triste porque tinha sido passada a sua vez de falar, uma vez que a sua postura tinha sido pouco correta.

F: "Eu queria falar e passaste a minha vez!"

M: "Pois, F. F. F. estava a portar-se bem?"

F: "Não..."

Comentário:

A F. F. F. F. foi capaz de reconhecer o seu erro e foi-lhe dada a oportunidade de falar como incentivo ao comportamento correto. É uma menina com muita vivacidade e que, apesar dela, consegue respeitar os pares quando não lhe toca partilhar, sabendo escutar.

Áreas de conteúdo: **Formação Pessoal e Social**

Expressão Plástica

Escolha realizada por: **F.**

Dia da realização do trabalho:

21 de Fevereiro de 2014

Dia da seleção do trabalho:

21 de Fevereiro de 2014



Contexto: A **F.F.F.** estava bastante entusiasmada com a capa e lembrou-se de pedir para colocar o trabalho que tinha acabado de fazer dentro dela.

Comentário da criança:

“Mafalda, eu já não fazia colagens há muito tempo e fiz esta. Posso por na capa?”

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Formação Pessoal e Social:

A **F.F.F.** mostrou independência em relação ao trabalho que estava a realizar, não querendo ajuda do adulto na área da colagem e mostrando-se empenhada na realização da tarefa. Soube trabalhar em grupo e partilhar imagens de que gostava com outras crianças. Percebeu ainda a distinção entre fotografias de pessoas reais e fotografias de desenhos animados, por exemplo.

Expressão Plástica:

A **F.F.F.** mostrou que tem habilidades de motricidade fina avançadas, na medida em que consegue utilizar bem o pincel e a cola, tirando os excessos e colando só o necessário.

Áreas de conteúdo: **Formação Pessoal e Social**

Expressão Motora

Escolha realizada por: Estagiária Mafalda



Dia da realização do trabalho:

28 de Fevereiro de 2014

Dia da seleção do trabalho:

28 de Fevereiro de 2014

Contexto:

Festa de Carnaval da Instituição.

Comentário do adulto:

A **F. F. F.** estava muito feliz por comemorar o Carnaval, pois estava mascarada da sua personagem preferida. Foi um momento de partilha e em que cada criança foi mostrando a sua identidade de forma diferente. As interações foram positivas e a **F. F. F.** manteve, durante a maior parte do tempo, interações positivas para com as outras crianças do grupo e da instituição.

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Relação interpessoal: Boa relação com o grupo e capacidade de partilha e respeito pelos outros.

Expressão dramática: Entrada num jogo simbólico, interagindo com outras personagens, brincando saudavelmente.

Saberes sociais: Conhecimento da comemoração de um dia mundial. Compreensão da dimensão destes dias e que são comemorados em todo o mundo.

Áreas de conteúdo: **Expressão Dramática**

Formação Pessoal e Social

Conhecimento do Mundo

Expressão Musical

Linguagem Oral e Abordagem à escrita

Escolha realizada por: Estagiária Mafalda



Dia da realização do trabalho:

27 de Março

Dia da seleção do trabalho:

27 de Março

Contexto:

Dia mundial do teatro. As crianças dos 4 anos ensaiaram o teatro da Carochinha e apresentaram-no a toda a instituição, a fim de comemorar o dia mundial do teatro. A *F.F.F.F.* ficou com o papel da Carochinha, mostrando-se à vontade, visto que o tinha escolhido.

Comentário do adulto:

A *F.F.F.F.* encaixou perfeitamente no papel proposto, dada a sua maneira de ser espontânea e engraçada. Encarou a personagem como se fosse ela própria e levou-a até ao fim, mostrando um conhecimento íntegro da história e sabendo quando intervir. Mostrou também gostar de cantar e de música.

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Relação interpessoal: A *F.F.F.F.* soube contracenar com as outras crianças, sem gerar qualquer tipo de conflitos.

Expressão dramática: A F. F. F. demonstrou capacidades extraordinárias de representação de uma história, com bastante à vontade e perante um grande público conhecido dela.

Linguagem: A F. F. F. mostrou ter desenvolvido, ao longo das vezes que foi sendo lida a história, a sua compreensão e oralidade. Durante alguns dias só queria ouvir sempre a mesma história, sabendo já reproduzi-la de trás para a frente.

Matemática: A F. F. F. foi compreendendo a sequência de entrada das diferentes personagens e adaptando-se ao teatro e à sua história.

Áreas de conteúdo: **Formação Pessoal e Social**

Expressão Motora

Escolha realizada por: Estagiária Mafalda



Dia da realização do trabalho:

16 de Maio de 2014

Dia da seleção do trabalho:

16 de Maio de 2014

Contexto:

Visita de estudo à Quinta da Macieirinha.

Comentário do adulto:

Fomos a uma visita de estudo à Quinta da Macieirinha. Uma Quinta cheia de história e antiga. A *F.F.F.F.* mostrou muita curiosidade em conhecer a casa por dentro e as histórias que antigamente ali se passavam, questionando várias vezes tudo o que pretendia saber espontaneamente e à medida que ia decorrendo a visita. Cá fora a criança demonstrou ter grande motricidade bastante desenvolvida, na medida em que, por iniciativa própria quis experimentar todos os jogos tradicionais que podia, ao ar livre. Também esteve em contacto com a natureza e em interação com as outras crianças e adultos da instituição.

Análise dos indicadores de desenvolvimento:

Relação interpessoal: A *F.F.F.F.* mostrou respeito para com os adultos e outras crianças durante o tempo da visita, sendo que as suas interações foram sendo positivas.

Educação para os valores/ Cidadania: A *F.F.F.F.* soube respeitar as regras de comportamento impostas pela organização da visita, pelo que foi sendo exemplar na sua ação e maneira de estar, não deixando de ser espontânea.

Expressão motora: A F.F.F. a apresentou, mais uma vez, grande capacidade de motricidade, mostrando-se autónoma e bastante versátil, visto que havia vários tipos de jogos que envolviam destreza física.

Saberes sociais: A F.F.F. passou a conhecer alguns jogos tradicionais e alargou os seus conhecimentos acerca da evolução social e dos costumes e valores que estão sempre em constante mudança e renovação.

Saberes científicos: No que toca ao contacto com a natureza, a F.F.F. mostrou saber o nome de algumas flores e aprendeu conceitos novos.

Legenda

Conhecimento do Mundo

Formação Pessoal e Social

Expressão Plástica

Expressão Dramática

Expressão Motora

Expressão Musical

Linguagem Oral e Abordagem à escrita

TIC

Matemática

Anexo 6 – Documentos

Anexo 6.1-Documento ilustrativo da organização social do grupo

Anexo 6.2-Documento de planificação dos projetos desenvolvidos durante o estágio

Organização social do grupo



Entrada da sala dos 4 anos: identificação das crianças do grupo

Organização social do grupo



Distribuição do número de crianças que podem estar presentes em cada área

Organização social do grupo

	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
CLARA		x	x	x			
CECÍLIA			+	x			
ANA		+	+	+			
MANUEL		+	+	+			
BEATRIZ		x	+	+			
MARISCA		+	+	+			
RITA		+	+	+			
INGUÊL		+	+	+			
TIAGO		+	+	+			
JORDO		+	+	+			
LEONOR		+	+	+			
OLGATE		+	+	+			
BEATRIZ		+	+	+			
IVÉS		+	+	+			
JOSE		+	+	+			
MES B		+	+	+			
DAIM		+	+	+			

Quadro de presenças

Organização social do grupo

TABELA DE PRESENCAS

	DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO
CLARA		+					
CECÍLIA							
ANA		+					
MANUEL		X					
BEATRIZ INÉS		X					
FRANCISCA		X					
ARITA							
MIGUEL		+					
TIAGO		+					
JORÃO							
LEONOR							
DCARTE							
BEATRIZ		+					
INÉS							
JOSE							
INÉS D.							
ISABEL							
FILIPA							

17.03.2014 08:46

Quadro de presenças –
versão 2

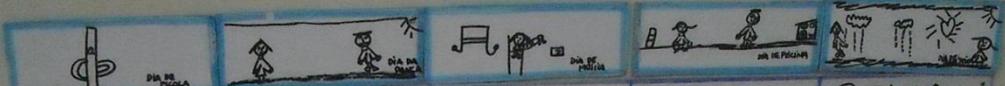
Organização social do grupo



Registo de aniversários



Organização social do grupo



	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
MANUEL					
JONÉ					
MIGUEL					
TIAGO					
José					
MARTE					

17.03.2014 08:46

Tabela para registo semanal de atividades - meninos

Organização social do grupo

A hand-drawn weekly activity chart for girls. The chart is a grid with 12 rows and 5 columns. The columns are labeled with the days of the week: SEGUNDA, TERÇA, QUARTA, QUINTA, and SEXTA. The rows are labeled with the names of the girls: LEONOR, BEATRIZ, RITA, BEATRIZ C, ANAMARTA, CLARA, CECÍLIA, INÊS E, ISABEL, FRANCISCA, INÊS, INESS, and FILIPA. The first column contains small pictures: a car for BEATRIZ, a car for BEATRIZ C, a car for ANAMARTA, a car for CLARA, a car for CECÍLIA, a car for INÊS E, a car for ISABEL, a car for FRANCISCA, a car for INÊS, a car for INESS, and a car for FILIPA. The rest of the grid is empty.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
LEONOR					
BEATRIZ					
RITA					
BEATRIZ C					
ANAMARTA					
CLARA					
CECÍLIA					
INÊS E					
ISABEL					
FRANCISCA					
INÊS					
INESS					
FILIPA					

17.08.2014 08:46

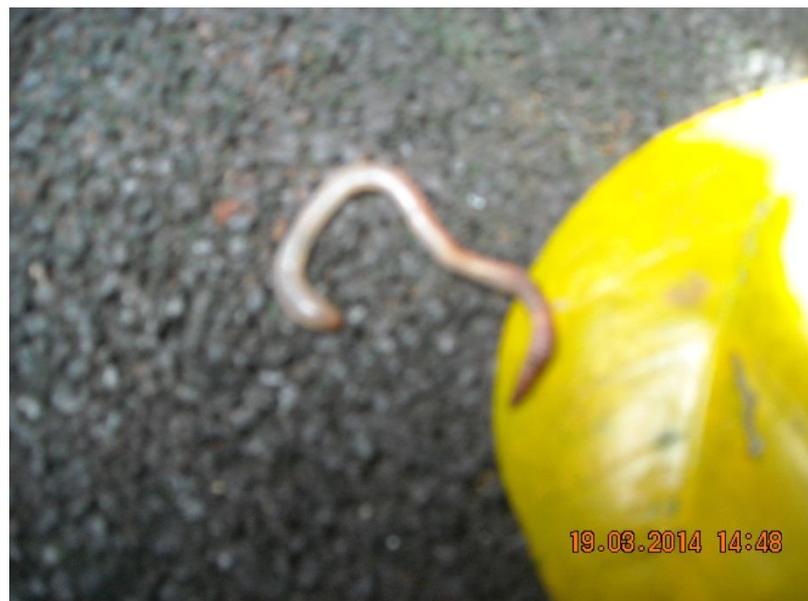
Tabela para registo semanal de atividades - meninas

Projetos desenvolvidos em estágio

Sala dos 4 anos do Jardim de infância e Infantário Carolina Michaelis



Projeto da casinha



Projeto dos animais

Projeto da casinha

1ª Fase: Identificação dos interesses e necessidades das crianças



Projeto da casinha

2ª Fase: Construção de uma janela para a casinha, uma das coisas em falta que as crianças identificaram.



Projeto da casinha

3ª Fase: Identificação dos nenucos presentes na casinha: importância da criação de brincadeiras orientadas e sentido de responsabilidade



17.03.2014 08:44



17.03.2014 08:44

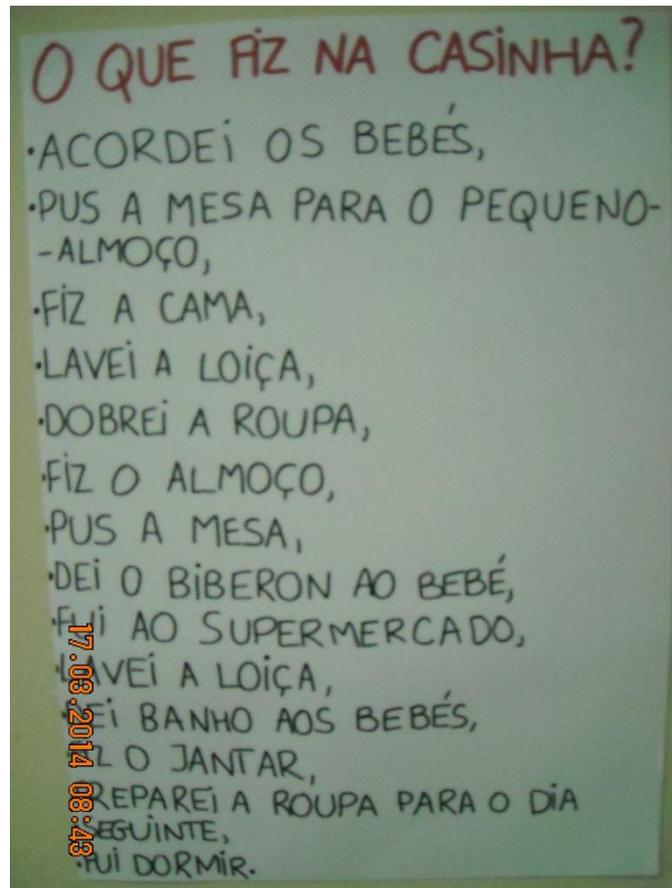
Projeto da casinha

4ª Fase: Criar as divisões da casinha, devidamente assinaladas com papel de cenário carimbado pelas crianças



Projeto da casinha

5ª Fase: Ensinar as crianças a fazer a cama e dobrar a roupa e criação e apresentação de uma rotina para a casinha



O QUE É PRECISO FAZER EM CASA?

ACORDAMOS



TOMAMOS BANHO



TOMAMOS O PEQUENO-ALMOÇO



VAMOS PARA A ESCOLA



ALMOÇAMOS



VOLTAMOS PARA CASA



BRINCAMOS



(TOMAMOS BANHO)

JANHAMOS



VAMOS DORMIR



17:03.2014 08:52

Projeto dos animais

1ª Fase: Identificação dos interesses das crianças

Projeto dos animais

2ª Fase: Negociação da prática do projeto: Como fazer?

Projeto dos animais

3ª Fase: Criação de um livro “Vai e vem” – envolvimento das crianças e famílias

Projeto dos animais

4ª Fase: Pesquisa de um animal diferente por semana, com as crianças e estagiária ou educadora no computador do centro de estágio.

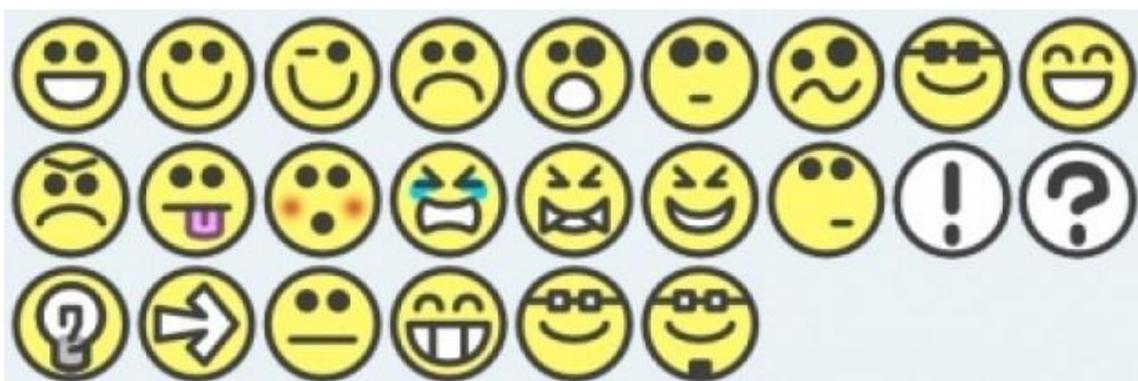
Projeto dos animais

5ª Fase: Sorteio das crianças que levam o livro para casa no fim de semana, trazendo-o, recheado de informações sobre o animal escolhido em grande grupo.

Projeto dos animais

6ª Fase: Partilha, em grande grupo, das informações, histórias ou imagens dos animais.

ANEXO 7 – FOTOGRAFIAS RELACIONADAS COM AS ATIVIDADES DESCRITAS



ANEXO 8 – OUTRAS FOTOGRAFIAS



Imagem 1: Área dos jogos



Imagem 2: Estante dos materiais

18.12.2013 07:49

- 1 FALTA  PARA 
- 2 FALTA  PARA 
- 3 FALTA  PARA 
- 4 FALTA  PARA 
- 5 FALTA  PARA 

O QUE FIZ NA CASINHA?
-ACORDEI OS BEBÊS,
-PUS A MESA PARA O PEQUENO-
-ALMOÇO,
-FIZ A CAMA,
-LAVEI A LOIÇA,
-DOBREI A ROUPA,
-FIZ O ALMOÇO,
-PUS A MESA,
-DEI O BIBERON AO BEBÊ,
-FUI AO SUPERMERCADO,
-LAVEI A LOIÇA,
-DEI BANHO AOS BEBÊS,
-FIZ O JANTAR,
-PREPAREI A ROUPA PARA O DIA
-SEGUINTE,
-FUI DORMIR.



12.02.2014 15:13

Imagem 3: Área da casinha



Imagem 4: Área das construções

18.09.2013 08:00



18.09.2013 08:00

Imagem 5: Área do desenho



COLAGEM

18.09.2013 08:04

Imagem 6: Área da colagem



18.12.2013 07:49

Imagem 7: Área da biblioteca



Imagem 8: Área da pintura



17.03.2014 08:48

Imagem 9: Caixa de escolha
das áreas



Imagem 10: Momento de transição: leitura livre

18.09.2013 08:38

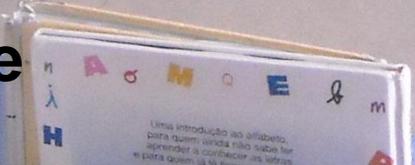




Imagem 11: Relaxamento no recreio

26.09.2019 09:36



SER AMIGO É...

SER AMIGO É...
PEDIR DESCULPA E CORRIGIR OS ERROS!

SER AMIGO É...
BRINCAR COM OS OUTROS!

SER AMIGO É...
CONVIDAR OS AMIGOS PARA IR
A NOSSA CASA!

SER AMIGO É...
DAR UM ABRAÇO PARA NÃO
FICAREM TRISTES!

SER AMIGO É...
DAR BEIÇOS AOS AMIGOS!

SER AMIGO É...
TER CUIDADO PARA NÃO PISAR
OS BEBÉS!

SER AMIGO É...
AJUDAR QUANDO OS OUTROS ESTÃO TRISTES!

SER AMIGO É...
PERDOAR OS AMIGOS!

SER AMIGO É...
TER CUIDADO PARA NÃO TOCAR NOS
OÍTIOS!

SER AMIGO É...
PARTILHAR OS BRINQUEDOS!

SER AMIGO É...
NÃO POR O JESUS ZANGADO!

SER AMIGO É...
DAR UM DESENHO A UM AMIGO!

SER AMIGO É...
FAZER RIR!

SER AMIGO É...
BRINCAR COM TODOS OS AMIGOS!

SER AMIGO É...
AJUDAR OS OUTROS!

SER AMIGO É...
BRINCAR E DAR A MÃO AOS AMIGOS!

Imagem 12: Trabalho realizado acerca da I.E.: "Ser amigo é..."

22.04.2014 14:47



**Imagem 13: Trabalho
realizado no âmbito do Dia
Mundial da Família**

29.04.2014 09:29